



ARQUITETURA E URBANISMO SEM PROJETO: OLHARES SOBRE A FAVELA DESDE A TRANSFERÊNCIA DA CAPITAL BRASILEIRA NA DÉCADA DE 60

Palavras-Chave:ARQUITETURA E SOCIEDADE-1, FAVELAS-2, CIDADE-3

Autores(as):

Giovana Cavalcante Damasceno, UNICAMP – FECFAU

Prof^(a). Dr^(a). Josianne Francia Cerasoli (orientadora), UNICAMP - IFCH

INTRODUÇÃO:

A pesquisa possui como objeto de análise as Favelas, mais especificamente as cariocas. O estudo apresentado a seguir não se limita somente à sua formação histórica, espacial e habitacional, mas evidência um olhar técnico arquitetônico e urbanístico ausente para com os territórios vulneráveis, principalmente na década de 60. A falta de descrição técnica perdura nos anos seguintes, refletindo na maneira de pensar e fazer arquitetura dentro de bairros periféricos, influenciando o senso de pertencimento e o entendimento do que é ou não meio urbano. Desta forma, desenvolve-se uma linha de pesquisa a partir de dois documentos base que proporcionam embasamento teórico para as impressões descritas do caminho aqui traçado. São eles: o relatório “*Aspectos Humanos da Favela Carioca*”, redigido pela SAGMACS em 1960 e o livro “*Estética da Ginga: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica*”, publicado em 2001 pela arquiteta e urbanista carioca Paola Berenstein Jacques.

METODOLOGIA:

Os seguintes estudos e reflexões foram possíveis a partir de uma análise que transpassa a simples leitura. Além dos documentos centrais, artigos e outras publicações fomentaram o conteúdo absorvido, agregando para além do principal e contribuindo para uma visão mais ampla e detalhada sobre as favelas no contexto urbano. Pretendia-se adentrar nas produções destacadas, compreendendo seus contextos históricos e técnicos, de forma a desenvolver uma crítica concisa sobre as causas e efeitos da omissão do estudo das favelas enquanto espaço urbano pertencente à cidade visível e local de apropriação de uma arquitetura dita espontânea (Berenstein, PAOLA - 2001).

Organizada em duas etapas, as leituras se iniciaram com o documento redigido pela SAGMACs, que propõe um levantamento de dados e entrevistas com os moradores com o intuito de chamar a atenção das entidades governamentais para a realidade dos efeitos da negligência pública para com as favelas e suas precárias infraestruturas.

Em sequência, prosseguimos com a investigação do tema através da obra de Paola Berenstein a partir do estudo da vivência do artista Hélio Oiticica na Favela da Mangueira em 1964. Em sua escrita, a autora disserta sobre como o corpo que constrói e habita a favela é também o corpo que dança, que foge, que enfrenta a rigidez do traçado urbano oficial rompendo com a linearidade da urbanização oficial, propondo um entendimento mais próximo da fluidez e da complexidade dos territórios populares.

Portanto, para melhor compreendê-los, foi elaborada uma Planilha Etimológica (Tabela 1) para levantar termos urbanísticos e arquitetônicos, complementado com aqueles usados também para se referir aos moradores, à favela e seus estilos de vida. Apropriar-se desta metodologia possibilitou uma leitura mais criteriosa capaz de identificar pormenores que influenciam a perpetuação de uma visão limitada sobre a construção popular e informal, alimentando uma distância cada vez maior entre o profissional e sua capacidade de produzir arquitetura onde não há projeto.

Simultaneamente, o estudo contou também com a análise de referências bibliográficas voltadas ao estudo das margens da cidade, como é o caso das produções de Licia do Prado Valladares que visam compreender as transformações urbanas desde o ponto de vista da segregação e de desigualdades socioespaciais. Além do repertório material, reuniões frequentes para debate e avanço da pesquisa contribuíram para o progresso das impressões aqui apresentadas, além da presença em palestras¹ e participação em congresso².



Figura 1 - Nildo com Parangolé, obra de Hélio Oiticica - "Incorporo a Revolta" - fonte <https://projetooho.com.br/pt/obras/parangoles/>

¹ Aula Magna na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FECFAU) em 13 de março de 2025, com a Arquiteta e Urbanista Ester Carro presidente do *Fazendinho*, instituto de transformação territorial, cultural e socioambiental que atua em favelas na cidade de São Paulo.

Palestra no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas com a presença de Cleber Ribeiro de Souza, diretor do *Uniperiferias*, organização que promove a formação de sujeitos, produção de conhecimentos e de ações que viabilizem e fortaleçam as potências das periferias.

² Apresentação da pesquisa em 13 de maio de 2025 na XVI Jornada de Iniciação Científica da Escola da Cidade, compondo como participante a mesa 13: *Territorialidades contra hegemônicas*.

ASPECTOS HUMANOS DA FAVELA CARIOCA				
P. POSITIVAS	P. NEGATIVAS	NOMES	ONDE NO RELATÓRIO	CONTEXTO
-	-	Prof. José Arthur Rios	Equipe de Pesquisa	Diretor Técnico
-	-	Carlos Alberto de Medina	Equipe de Pesquisa	Coordenador
-	-	Arq. Hélio Modesto	Equipe de Pesquisa	Cooperou na urbanização do DF
-	Vertiginoso*	-	1° Parte, Aspec. Gerais - p. 3, parágrafo 1	"...vertiginoso crescimento."
-	Barracos toscos	-	2° Parte, Cap. 1 - Carac. gerais e origem das favelas - p. 19, parágrafo 20	Características das moradias
-	Desordem	-	2°P. Cap. 2 - Implantação e Problemas de Conjunto - p. 20, parágrafo 1	Falta de organização e planejamento preliminar das favelas
-	Confusão	-	2°P. Cap. 2 - Implantação e Problemas de Conjunto - p. 20, parágrafo 2	Visão que se tem ao olhar as favelas de longe
-	Amontoado urbano	-	2°P. Cap. 2 - Implantação e Problemas de Conjunto - p. 20, parágrafo 2	Visão que se tem ao olhar as favelas de longe
-	Favelados	-	Todo o documento	Usado para se referir aos moradores da favela

Tabela 1 - Levantamento de Vocabulário no Relatório Aspectos Humanos da Favela Carioca - SAGMACs

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

A metodologia adotada evidencia a citação repetitiva de palavras com conotação negativa na descrição das favelas, demonstrando outra problemática existente em territórios de planejamento urbano complexo. A falta de aporte técnico - reproduzida por arquitetos e urbanistas - para descrever as características construtivas existentes em meios populares, como se à eles não valesse todo o conhecimento adquirido em anos de formação.

Refletimos, portanto, na discriminação em ensinar e fazer arquitetura em territórios vulneráveis e o papel do arquiteto em contribuir com uma cidade que, mesmo com suas claras diferenças

socioespaciais e econômicas, visa a redução de estigmas e problemas estruturais que distanciam cada vez mais os moradores de suas margens da vivência e pertencimento da cidade visível e formal.

MUDANÇAS PREVISTAS:

Reflexo da percepção da ausência da temática proveniente do desenvolvimento de uma grade curricular e de um ensino de Arquitetura e Urbanismo de matriz majoritariamente eurocêntrica e voltada ao estudo prioritariamente que seria entendido como arquitetura formal, a pesquisa floresce com o ideal de elucidar uma análise crítica da dualidade projetual entre a mais nova capital brasileira na década de 60 e o aumento significativo e acelerado das favelas e seus habitantes na cidade do Rio de Janeiro. Entretanto, no processo de desenvolvimento da escrita, novos caminhos foram descobertos e a atuação do arquiteto e urbanista nesses espaços ganhou destaque, sobrepondo pautas inicialmente apresentadas - como Brasília e seu referenciado projeto - e possibilitando uma linha de pensamento com agentes mais promissores.

Desta forma, propõe-se uma alteração do título da pesquisa que favorece uma linearidade de coesão entre o tema e o conteúdo deste estudo e descoberta.

Arquitetura e Urbanismo sem projeto: a construção de um referencial imagético da favela impermeável à técnica.

CONCLUSÕES:

As análises aqui descritas contribuem para a construção de uma linha de pensamento crítica sobre como a arquitetura tradicional e institucionalizada tem se distanciado das realidades urbanas que mais demandam sua atuação. Não se espera uma solução imediata, mas se propõe um crescente pensar coletivo quanto a um reposicionamento epistemológico da arquitetura: não mais apenas como disciplina que projeta sobre, mas como escuta que aprende com. Ao observar a favela a partir da Estética da Ginga e os dados levantados no relatório da SAGMACs, aprendemos que o espaço urbano é mais múltiplo do que a planta pode revelar, e que há, nos cantos e curvas da cidade marginalizada, um campo riquíssimo para repensar o fazer arquitetônico.

Pensar em urbanização de um território já urbanizado não só expõe uma arquitetura por exclusão, mas o desassocia de um espaço já pertencente à cidade e suas implementações, não o considerando como parte

do todo. Não se nega, contudo, suas precariedades, mas sugere uma leitura além delas, de reconhecimento da potência criadora existentes justamente na capacidade de produzir ativamente arquitetura onde não há projeto.

BIBLIOGRAFIA

CESTARO, L. R. **Os aspectos humanos da favela carioca: uma incursão da SAGMACS pelo Rio de Janeiro (1957-1960)**. Oculum Ensaios, v. 20, e235336, 2023.

A formação de profissionais brasileiros especializados no tema do desenvolvimento: da SAGMACS ao IRFED (1947-1958). ENANPARQ - Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. 2010, Rio de Janeiro.

SAGMACS: **Aspectos Humanos da Favela Carioca**. Jornal O Estado de São Paulo, 13 abr., p. 1-51, 1960a. Suplemento Especial.

SAGMACS: **Aspectos Humanos da Favela Carioca**. Jornal O Estado de São Paulo, 13 abr., p. 1-47, 1960a. Suplemento Especial.

LEMOS, A. C. - **O que é arquitetura**. São Paulo: Brasiliense, 2007. - (Coleção primeiros passos; 16).

FRANCO, Marielle. **Dicionário de Favelas Marielle Franco - Dicionário de Favelas Marielle Franco**. 2024. Disponível em: https://wikifavelas.com.br/index.php/Dicion%C3%A1rio_de_Favelas_Marielle_Franco. Acesso em: 16 mar. 2025.

VALLADARES, Licia do Prado. **A descoberta do trabalho de campo em “Aspectos Humanos da Favela Carioca”**. Favelas Cariocas- ontem e hoje, p. 65 - 79. 2012